

## OS QUATRO ESTÁGIOS DA EVOLUÇÃO: REFLEXOS AUTOMÁTICOS, CONSCIÊNCIA, COMPREENSÃO E SABEDORIA.

Saudações, queridíssimos amigos. Bênçãos para todos vocês. Abençoada seja esta hora. Esta primeira palestra do ano indicará a fase em que o caminho vai entrar na próxima temporada de trabalho, o trabalho geral e a parte a ser enfatizada.

A melhor forma de começar é discutir algumas fases gerais da evolução da consciência humana. Existem quatro fases. Elas interagem e se sobrepõem, e cada uma, naturalmente, tem muitas subdivisões, graus de intensidade e variações. A esta altura não precisamos entrar em detalhes, pois eles foram amplamente tratados quando abordamos cada uma das fases em que nos concentramos anteriormente. E vamos fazer o mesmo quando entrarmos na próxima fase de desenvolvimento. No momento, estamos querendo dar uma visão geral.

A fase mais baixa da consciência humana é a automação. O homem reage de acordo com reflexos automáticos – reações emocionais que se baseiam em conclusões e generalizações erradas e profundamente arraigadas. Em outras palavras, tudo que discutimos e trabalhamos com respeito às imagens mostra como o homem reage de maneira cega e automática.

Quanto mais ele se libera em algumas áreas de sua personalidade, mais procura racionalizar e explicar essas reações cegas, para se convencer de que elas se baseiam na liberdade de escolha e não na compulsão, na razão e não na emoção. Quando o desenvolvimento geral é mais primitivo, esse autoengano é menos necessário.

O automatismo cego resulta sempre do material que o homem não quer encarar. Isso se aplica a todas as pessoas. Alguns têm esse material em grau muito maior que outros e precisam de muito mais tempo para evoluir até o estado em que passam a ser inerentemente capazes de enfrentar o material oculto e, assim, adquirir um estado superior de consciência. No entanto, mesmo as pessoas relativamente evoluídas e até aquelas que cuidam ativamente de seu desenvolvimento possuem áreas em que são míopes, não são livres, onde demonstram reações inconscientes, jamais sabendo por que agem, reagem, pensam, sentem, sustentam determinadas opiniões. Isso determina os diversos desdobramentos que já discutimos no decorrer destas palestras e no trabalho que fazemos neste caminho. Gera alienação de si mesmo. Atrofia a criatividade. Impede o amor. Impede a capacidade de dar e receber prazer e alegria. Limita os maravilhosos potenciais do espírito humano e da vida. Faz tudo isso até o ponto em que há falta de consciência sobre os motivos que levam a pessoa a reagir como reage. E nessa mesma medida os reflexos cegos e o automatismo tomam o lugar da consciência.

Em qualquer caminho verdadeiro de desenvolvimento, independentemente do método usado, as áreas em que o homem não é livre e age automaticamente precisam ser desveladas e conhecidas. Esse automatismo é a etapa mais primitiva, e até certo ponto existe em todas as pessoas.

A etapa seguinte dessa escala de evolução é a consciência. A curva de desenvolvimento segue do automatismo para a consciência. Mas a consciência não é de modo algum a etapa mais elevada. Há duas outras mais adiantadas. Mas vamos examinar primeiro o significado e a importância da consciência. A consciência, neste contexto, refere-se ao desvelamento das áreas de automatismo cego, de reflexos cegos. Todos os subterfúgios, racionalizações, justificativas, autoenganos que servem para negar o automatismo cego precisam ser implacavelmente expostos, investigados e abandonados, até o homem ficar frente a frente com seu mecanismo de reflexos cegos. Quando isso ocorre, ele está ciente de seu automatismo – e por conseguinte o automatismo deixa de existir. Nem é preciso dizer que o homem tem sucesso primeiro em áreas específicas em sua passagem do automatismo para a consciência, enquanto conserva o automatismo cego em outras áreas, até fases muito posteriores de seu desenvolvimento pessoal. Jamais se pode dizer que uma pessoa passa de um estado para outro em todos os aspectos do seu ser.

A passagem do automatismo para a consciência é uma das mais difíceis para o homem. É tão difícil admitir que ele é levado por medos irracionais, superstições, generalizações, situações obsoletas que nenhuma sustentação têm no presente. Isso vai de encontro à sua vaidade, pois ele gosta de ver a si mesmo como mais evoluído e livre do que é. Quanto mais ele nega, mais sofre. Muitas vezes é esse sofrimento inútil que finalmente o leva à honestidade consigo mesmo. Poderia ter sido evitado, se a vaidade não fosse tão forte.

Consciência significa reconhecer as limitações, enfrentar as conclusões erradas, as emoções destrutivas, os mecanismos que vão contra a própria pessoa, a falta de integridade na mais ampla aceção possível. Isso somente é difícil porque o homem leva em banho-maria seus medos e resistências e não tem muita vontade de deixar de aparentar mais do que pensa que é. A etapa da consciência significa, basicamente, tomar ciência do erro, do desvio da verdade. No momento em que sabe que é levado por falsas ideias, o homem deixa de agir como um autômato cego. Isso requer coragem e cultivo da vontade interior.

Depois de adquirir um certo grau de consciência e eliminar proporcionalmente os reflexos cegos, a etapa seguinte é a compreensão. À primeira vista, vocês podem imaginar se existe alguma diferença. Mas a diferença é muito grande. Vamos tomar o exemplo da hostilidade. Primeiramente, na etapa do automatismo cego, a hostilidade reina na alma. Conforme a formação do caráter, o tipo de suas imagens e vários outros fatores, ou a pessoa expressa impulsivamente essa hostilidade e a despeja nos outros – muitas vezes sem saber que age assim ou porque encontra “boas razões” para isso. Ou então ela suprime e reprime a hostilidade, volta-a contra si própria, com resultados variados. Nos dois casos, o homem não tem ciência de sua hostilidade, porque não quer admiti-la. Assim é levado por ela num automatismo cego que escolhe para explicar. No momento em que encara totalmente a hostilidade, tem consciência dela. Portanto, o automatismo termina. Mas essa etapa ainda não significa que ele a compreendeu. Agora ele sabe que a possui. Até mesmo vê o que faz por causa dela, como reage por conta dela.

Compreender a hostilidade significa entender por que ela existe, o que a introduziu na vida da pessoa, que condições existiram para criá-la, e que condições existem agora sempre que se acende uma nova chama de hostilidade. Qual é a semelhança aparente e real entre a situação original e a atual? Como elas estão relacionadas na psique? Como, se for o caso, elas se relacionam na realidade? Por que a hostilidade se baseia numa premissa falsa? Em que aspecto? Entender aquilo que a pessoa teve consciência anteriormente significa vivenciar profundamente as respostas a todas essas perguntas. No entanto, essas respostas não devem ser dadas intelectualmente, como quando se decora uma lição. Precisa ser uma realidade profundamente sentida. Nesse momento a pessoa atinge a etapa da compreensão e está pronta para passar à próxima fase.

Muitos dos meus amigos que estão no caminho vão admitir que nosso trabalho no passado nos levou à fase de compreensão. O trabalho varia de acordo com cada caso, pois em algumas áreas vocês já podem ter alcançado a compreensão – ou mesmo alguns indícios da etapa seguinte – enquanto em outras ainda lutam contra a resistência a encarar o que está por trás dos reflexos cegos. Falta a consciência de que os reflexos cegos continuam dominando vocês em alguns aspectos. Nunca se pode dizer que uma pessoa, na sua totalidade, alcançou um dos quatro estágios aqui mencionados, ou que está totalmente no estágio inferior. É sempre uma mistura, uma combinação, o que acontece com vocês que estão no caminho.

É muito importante que todos pensem em que aspectos se encontram em alguma das fases aqui descritas. Vocês estão cientes das áreas em que ainda são regidos pelo automatismo, apesar de terem descoberto a imagem que o provoca? Pois de fato é possível isso acontecer, e a pessoa continuar reagindo cegamente, sem saber. O insight momentâneo na ocasião de descoberta da imagem desapareceu e persiste apenas como uma memória da imagem descoberta. Em outras palavras, tornou-se um conhecimento teórico. Já não está vivo. Vai ficar vivo de novo somente quando o automatismo for observado, reconhecido, quando for admitido que ele ainda existe.

Quando é obtida a consciência, não se deve parar aí. Foi cultivada a compreensão daquilo que se teve consciência? Quanto mais isso acontecer, menos existirá a compulsão a reagir cegamente, e menor a probabilidade de haver recaídas.

A fase mais elevada de nossa escala é sabedoria. Existe uma grande diferença entre compreender e sabedoria. Compreender significa determinar a causa e o efeito de padrões negativos, emoções destrutivas, ideias falsas. Significa compreender que esses elementos são prejudiciais, e isso porque a pessoa está, de certa forma, imersa em ilusão e equívoco. Mas isso ainda não é sabedoria. E digo propositadamente sabedoria e não conhecimento. Pois conhecimento é algo muito mais vago, geral, seco. Não é de conhecimento que estou falando. Estou falando de conhecer a verdade. Quando vocês conhecem a verdade, mais que entendem a causa e o efeito das imagens e equívocos. Vocês sabem quais são as conclusões certas por trás das erradas. E são sempre e exclusivamente os equívocos que geram devastação, desarmonia, infelicidade. Nada mais tem esse efeito.

Quando vocês conhecem profundamente o conceito verdadeiro, a verdade específica por trás do erro específico que começam a compreender, acontece alguma coisa dentro e em torno da esfera do seu ser. Sabedoria não é entender em teoria. É vivenciar a verdade. Saber a verdade que está por trás da não verdade liga necessariamente a pessoa a um grande princípio espiritual, ou a várias dessas leis e princípios. Saber deles abre o mundo.

O único meio pelo qual a pessoa chega a saber dos princípios divinos é a experiência altamente pessoal da não verdade que até aquele momento ofuscava o caminho para aquela verdade em especial. Estudar teorias, ler até mesmo a melhor literatura da terra – inclusive a literatura espiritual – não leva a conhecer a verdade. Conhecer a verdade significa passar por essas etapas de evolução que acabei de descrever.

Significa tomar ciência dos reflexos cegos; entender por que eles existem e o que provocam; conhecer a verdade por trás do automatismo, provocada por equívocos específicos. Quando o caminho pessoal é trilhado dessa maneira, levando profundamente para dentro, o universo pessoal interior revela os princípios e as leis espirituais da criação – o universo como um todo. Saber a verdade dessa maneira tem o efeito de cura sobre a pessoa e todo o seu ambiente. Quando sabem a verdade, vocês se apossam do universo. Se sabem uma verdade, vocês sabem toda a verdade.

No início dessa fase, o homem sabe a verdade apenas em casos isolados; ele perde a verdade e a recupera por períodos maiores, e as perdas vão sendo menos frequentes. Verifica-se aqui o mesmo movimento em espiral de outras fases do caminho. Compreender traz alívio da tensão, do medo, da ansiedade, infunde esperança – não pensamento desejoso, não fuga, nem sonhar de olhos abertos, mas a esperança realista e justificada, porque surge claramente um caminho que faz da salvação não um milagre vagamente desejado, mas uma possibilidade concreta a ser usufruída pela pessoa que deseja crescer até o estado de liberação. Mas conhecer a verdade significa já estar de posse da chave. Significa domínio. Na evolução, chega um momento em que saber um simples ponto, um único ponto, é saber tudo. Pois a criação converge para um só ponto. O ponto de partida de vocês não faz nenhuma diferença. A multiplicidade termina em uma unidade, compreendendo todas as partes, igualando as muitas partes. Portanto, saber real e plenamente uma verdade é saber toda a verdade, nem que seja por um único instante.

A próxima fase tratará da sabedoria – pelo menos para alguns dos meus amigos que já deram os primeiros passos em direção a esse limiar, e que estão prestes a atravessá-lo. Outros virão mais tarde. Não tem importância. Não se deve medir quem está na frente. Nunca podemos medir por meio de comparações com os outros. Vocês precisam encontrar suas medidas internas, esquecendo as comparações.

Saber a verdade significa dominar o universo. É um processo de cura e de instauração de ordem. Quando vocês sabem a verdade, acontece algo nas forças cósmicas que os rodeiam e transcendem. Quando vocês sabem a não verdade, quando acreditam e continuam acreditando em falsas ideias, o resultado é a desordem no seu mundo pessoal. Vocês já estão familiarizados com isso por causa de todos os nossos esforços comuns para revelar a não verdade que provocou desordem e destruição. O equilíbrio fica perturbado, e o conflito e a confusão são os elos seguintes da reação em cadeia. A não verdade ou ilusão ou equívoco gera a dualidade – isto é, uma divisão arbitrária de conceitos que resultam em mais confusão, conflito, emoções, pensamentos e atos destrutivos. Tudo isso já é terreno conhecido para vocês – pelo menos em teoria, ainda que nem sempre por experiência interior. No momento em que sabem qual é a verdade por trás da ilusão, os conceitos divididos começam a unir-se; o equilíbrio perturbado das forças psíquicas começa a restaurar-se; a confusão, a desordem, o conflito dão lugar à ordem e à unidade. Isso gera sentimentos, ideias, conceitos, pensamentos e opiniões produtivos, realistas, benignos, construtivos, com os correspondentes atos. Houve mudança, a resistência a ela terminou, ela é bem acolhida e não mais assustadora.

Compreender a verdade significa muito, mas ainda não significa mudar para um modo de vida mais construtivo. Saber a verdade torna a mudança inevitável, tão natural que não poderia ser de outra forma. Realmente, saber a verdade dissipa o nevoeiro; traz a união onde antes prevalecia a aparente contradição; prova que não há nada a temer; integra onde antes havia dissensão; cura onde antes havia doença; avança onde antes a estagnação impedia o crescimento; acalma onde a inquietação frenética gerava excesso de movimentação.

Gostaria de dar agora um exemplo simples, cotidiano, do elemento de cura que está em saber a verdade, que vai tornar mais concreto e compreensível o que quero dizer, em vez de parecer algo tão metafísico e remoto que só pode ser vislumbrado como uma meta distante. Quando vocês tratam com outra pessoa e ficam confusos com respeito a seus atos e motivações, cria-se uma desarmonia. Mesmo que vocês não discutam, o fato de não saberem o que a motiva gera uma nuvem de inquietação, de escuridão, de desarmonia, que até os mais insensíveis percebem nitidamente. No entanto, quando vocês realmente sabem o que a motiva, vocês emanam uma sapiência calma que necessariamente afeta aquela pessoa, quer vocês falem ou não a respeito, quer levem ou não ao conhecimento dela o que sabem. O fato de saberem qual é a verdade por trás dos atos que geram confusão permitirá que avaliem, de maneira intuitiva e espontânea, quando falar e quando calar, como falar e como calar. A simples compreensão das motivações dela – da verdade dela – absolutamente não proporcionará a vocês essa faculdade. A mera compreensão sem dúvida é melhor que a não compreensão, mas não os impede que cometam alguns erros, por deixarem de usar as diretrizes apuradas e lógicas que é preciso levar em conta para aumentar o que se sabe na hora certa e da forma certa.

Já ressaltai muitas vezes que quem não entende a si mesmo não pode entender os outros. Aquele que não ama e respeita a si mesmo não pode amar e respeitar os outros. O mesmo vale quando falamos de saber. Aquele que não sabe a verdade por trás da não verdade não poderá jamais saber qual é a verdade por trás das confusões de outra pessoa. O verdadeiro relacionamento elimina toda a devastação pelo fator de existir esse saber.

Tenho certeza de que a maioria de vocês já passou por momentos como o desse exemplo, embora sem dúvida não com frequência. Talvez vocês tenham conhecido ou observado ocasionalmente outra pessoa com esse grau de saber. Talvez vocês tenham apenas tido uma noção vaga do significado, mas agora podem ficar mais agudamente cientes desse fenômeno, quando se depararem com ele. Se vocês se lembrarem de terem percebido esse saber em outra pessoa, com relação a vocês, verão que isso não provocou medo. Muito pelo contrário, suscitou a sensação de cordialidade e comodidade. Talvez, na ocasião, vocês não tenham podido identificar o que era, analisar em termos claros, mas ao rememorar a experiência e a maneira como reagiram, vocês verão que foi assim.

Esse saber não pode acontecer se primeiro não for obtido em relação a vocês mesmos, vindo de vocês, através de vocês, dentro de vocês. Essa é a batalha que leva dos reflexos cegos, que regem todos os seres humanos – mesmo meus amigos que já estão neste caminho – até a percepção, gradativamente, à compreensão, gradativamente, e ao saber, a princípio em casos isolados. Saber é cura, saber é harmonia, saber é o pleno domínio do universo.

Aqui, meus amigos, chegamos a uma das maiores confusões ou contradições aparentes, que só podem ser solucionadas quando vocês passam a adquirir saber com respeito ao aspecto em questão. Essa é a confusão entre controlar e soltar. Alguns de vocês já fizeram as primeiras árduas tentativas,

no nosso caminho, para entender o princípio, ou movimento da alma, que combina o controle e a renúncia ao controle. Quando a verdade é conhecida, não existe aqui conflito nem contradição. Mas quando a ilusão e os falsos conceitos criam ideias divididas, o resultado é um desequilíbrio, e existe controle quando não deveria existir, e vice-versa.

O controle mal entendido e mal aplicado é uma corrente de força, é a cobiça infantil, é a incapacidade de suportar a frustração, é o retraimento temeroso e tenso, é a necessidade compulsiva de manipular, a vontade do eu, a incapacidade de perder. Tudo isso, naturalmente, não é o controle a que me refiro quando falo da verdadeira identidade que domina o universo. Quando esta está presente, o tipo errado de controle, do pequeno eu, é necessariamente abandonado por completo. Ele precisa ser abandonado para que seu lugar seja ocupado pelo verdadeiro controle, num sentido mais elevado e mais amplo. O verdadeiro controle vem quando se renuncia ao controle, por meio do aparente risco de flutuar sem manipular nada e ninguém. É claro que isso parece uma contradição, meus amigos. Mas todos os princípios espirituais, quando traduzidos na limitada linguagem humana, parecem contraditórios. Pois toda lei divina contém dois princípios complementares – o princípio masculino e o feminino – no mais amplo sentido possível. Eles não se excluem mutuamente, e sim existem juntos em todos os movimentos da vida.

Mas não é apenas a limitação da linguagem humana que faz os princípios da união parecerem contraditórios. Isso acontece muito mais por causa do temeroso retraimento do homem diante da vida, que provoca a falta de compreender e saber. Enquanto o homem se retrai, por medo, sem querer correr o risco de renunciar ao controle, essas palavras podem ser facilmente mal entendidas. Quando falo de domínio sobre o universo, renúncia ao controle para readquiri-lo num sentido mais elevado, trata-se de um dos passos mais essenciais rumo ao destino de todas as criaturas.

É somente em um caminho que leva dos reflexos cegos ao saber, que se pode entender de fato que primeiro é preciso renunciar ao controle para adquirir um descontraído controle interior, que acontece de profundas camadas interiores – novamente do plexo solar ao invés da mente superior. E é preciso exercer controle sobre as áreas em que o homem está agora perdido, que agarra cegamente porque é levado por necessidades cegas, por compulsões que não entende – levado por pensamentos, premissas, reações e ações que precisa aprender a controlar, o que fará ao conhecer a verdade.

Existem confusão e desequilíbrio semelhantes com respeito ao centro no eu em oposição ao centro no outro. Também aqui vemos confusão e desequilíbrio. O autocentrismo pode ser a importância infantilmente atribuída a si mesma pela pessoa que espera que o mundo todo gire em torno dela. Pode ser uma forma de egoísmo. Uma pessoa assim julga que é fundamentalmente diferente (melhor ou pior) que as outras, ocupando uma posição única nas avaliações irrealistas do eu comparado aos outros.

Essa forma de distorção gera automaticamente uma forma distorcida de centro no outro. O homem centra todas as suas visões, opiniões, objetivos, ideias e ideais, e até sentimentos, no que os outros declaram – ou naquilo que, a seu juízo, o mundo espera dele. Centrar-se nos outros, dessa forma, é perder o eu. É alienar-se de si mesmo.

O tipo certo de autocentrismo é o oposto de alienação de si mesmo. O ponto de gravidade está profundamente centrado no eu, determinando em seu íntimo os valores, os objetivos, as ideias e os atos, assumindo a responsabilidade por eles – e assim aumentando a integridade e o respeito por

si mesmo. Mas isso requer o esforço de assumir o controle pela escolha dos próprios pontos de vista, de correr o risco de renunciar ao controle pois, ao ficar aparentemente só, a pessoa pode receber a desaprovação dos outros. Quando o homem deixa de manipular seus próprios sentimentos com o intuito de controlar e manipular os outros, nesse momento ele é autocentrado no sentido de viver com base no eu real. Isso resulta naturalmente no equilíbrio adequado entre colocar o centro no eu e nos outros. Os outros merecem a mesma consideração que o eu. Pode-se gostar, amar, estimar os outros como a si mesmo – mas nunca à custa de ser não verdadeiro para com o eu.

A atitude saudável de colocar o centro no eu é um lado da moeda, a atitude saudável de colocar o centro no outro é o outro lado da moeda. Se a primeira for transformada em distorção infantil e doentia, o mesmo acontecerá com a outra. É exatamente o mesmo processo verificado com o controle e a renúncia ao controle.

Quando o homem cruza, em termos gerais, o limiar de compreender para saber, ele tem a experiência e a vivência profundas da atitude correta e saudável de centro no eu e no outro, e a atitude saudável de exercer o controle e renunciar ao controle. Quando esses dois aspectos são percebidos, experimentados, vividos por dentro, não existe limite para a expansão, para a liberdade, para a sua experiência na glória do ser. Quando vocês passarem por esse limiar, todas as contradições vão se tornar um todo complementar, que vocês não apenas vão entender, mas também conhecer e viver. Por exemplo, vocês serão capazes de viver de uma maneira menos que perfeita até a felicidade perfeita se tornar possível. Quando desejarem o máximo de autoexpressão para maior felicidade de si mesmos e dos outros, isso ocorrerá em total liberdade de espírito – não porque é preciso, para evitar o que vocês temem, a fim de protegerem um ponto fraco. Quando não mais desejarem a felicidade para evitar a infelicidade, terão atingido um ponto ótimo do equilíbrio adequado de controle, adquirindo assim para sempre maior poder sobre sua vida, como uma parte integrante da criação.

Querem fazer perguntas?

PERGUNTA: Pode ser que, talvez em alguns aspectos, eu tenha tido um vislumbre do que está para vir, perto do limiar entre compreender e saber. Talvez você pudesse dizer alguma coisa sobre o medo, o retraimento e a relutância que a pessoa sente, apesar de saber que há um saber além daquele, apesar de saber que é uma coisa ótima, mas mesmo assim ela sente medo.

RESPOSTA: Além dos muitos fatores psicológicos que constatamos tantas vezes neste trabalho – e não preciso enumerá-los agora – existe por trás disso um medo, uma relutância muito mais fundamentais e abrangentes, presentes em todas as pessoas. Já falei desse fator no passado, mas talvez agora ele possa ser entendido de uma maneira diferente e mais profunda. Trata-se do medo de ser. Medo de ser significa medo da vida, medo da morte, medo do amor, medo do prazer, medo do risco, medo da mudança, medo da perda, medo do desconhecido, medo da dor, medo da confiança, medo de renunciar ao controle, medo do eu com todas as suas emoções, sentimentos, reações, impulsos, necessidades, expressões conflitantes e aparentemente conflitantes, certos e errados e aparentemente certos e errados. Abrange tudo isso. E enquanto o homem não entender o significado desse medo, não poderá saber o que está por trás desse medo. Portanto, não poderá vencê-lo. Vencer esse medo é o maior limiar da evolução ao qual, este ou qualquer outro verdadeiro caminho, deve levar o indivíduo. E isso significa flutuar com as forças universais, não remar contra elas, e portanto dominá-las. O equívoco do homem faz com que ele enxergue aqui uma dualidade, uma situação de ou isso ou aquilo. Ele acha que ou tem o controle, que precisa manipular a vida, o mundo à sua volta,

suas próprias forças mais vitais e criativas; ou ficará perdido e em perigo. Assim, ele não chega a ser. Não chega a entender que ser e domínio – ou dito de outra forma, passividade e atividade – não apenas não se excluem mutuamente, mas são inter-relacionados e interdependentes.

O medo que o homem tem de si mesmo fica ainda mais difícil de superar porque, muitas vezes, ele teme não o seu lado escuro real, mas o que ele acredita que é esse lado. Com muita frequência, considera que o melhor que tem a dar é inaceitável, enquanto o que tem de mais destrutivo o domina, sem que ele saiba. Temendo o seu lado escuro, ele não se atreve a encará-lo. Ele se defende. Recusa-se a se soltar, a correr riscos. E enquanto o homem teme a si mesmo, ele também teme necessariamente a vida, a morte, o amor – e todo o resto. Ele tem medo porque teme seu próprio ser.

Deixem todas as perguntas para a discussão específica prevista para esta palestra. Ela é muito importante. Quanto mais vocês participarem e expuserem suas dúvidas, mais tranquila será a travessia dessas quatro fases. Enquanto isso, procurem descobrir em que áreas e em que aspectos vocês continuam mergulhados no automatismo, em que aspectos têm percepção, em que aspectos têm compreensão e até que ponto vocês estão perto do limiar da quarta etapa – o saber. Para determinar isso, pensem no que vocês sentem. O automatismo os deixa com um sentimento de tristeza, desesperança, depressão, ansiedade, medo, desânimo, tédio, desgosto consigo mesmos ou com os outros, com a compulsão de fazer, dizer, pensar e sentir coisas que vocês mesmos não aprovam. A percepção elimina esses sintomas, e enquanto há percepção surge o alívio, que libera algumas energias. Mas ainda não se trata de mudança. Ainda não é possível ver onde e quando a mudança será possível. Essa visão vem com a compreensão. O saber consome essa visão e a consome constantemente, pois viver de verdade não é o resultado final. O resultado final é o crescimento constante rumo a mais experiências e mais autoexpressão. Portanto, o saber permanente gera o crescimento constante.

Quando avaliarem em que ponto estão nesses aspectos específicos do seu ser, não se deixem guiar pelo conhecimento exterior nem pelos reflexos cegos, que vão deixar vocês excessivamente modestos ou tentados à autoglorificação. Perscrutem seu íntimo, investiguem os diversos aspectos da sua vida e da sua pessoa, e vocês vão saber. Cuidado com o erro de avaliar a totalidade do ser por alguns aspectos das reações interiores. Muitas facetas da sua personalidade já se encontram em fases diferentes.

Que este ano de trabalho os aproxime todos da etapa do saber. Possam muitos darem os primeiros passos para atravessar esse limiar. Todos vocês contam com a ajuda e a orientação necessárias. As forças espirituais envolvidas são infinitamente mais reais e poderosas do que qualquer um de vocês imagina. Mas essas forças de ajuda podem e devem ser apenas um sustentáculo para os seus próprios esforços. A iniciativa de crescer precisa partir sempre de vocês, em todas as etapas do caminho ascendente. Há muitas maneiras de trabalhar em prol desse objetivo, e todas elas devem ser utilizadas. Uma das ferramentas mais construtivas deste caminho, que não deve ser esquecida por nenhum de vocês, é usar o outro como um espelho e envolver-se com os outros de modo a reproduzir as situações interiores e de vida nesses envolvimentos. Nunca é demais frisar como esses meios de trabalhar com os outros são eficazes. Nenhum de vocês já aproveitou totalmente esse recurso. Quanto material valoroso é derivado desta ferramenta. Usem o outro como um espelho, pois por mais que os outros estejam envolvidos com seus próprios reflexos cegos, eles costumam ser um bom espelho. Não fujam dessa interação.

O próximo ano será crucial para quem perseverar na tarefa do autoconhecimento. Sejam abençoados. Recebam a cálida força que flui para vocês, que os abraça e os envolve. Fiquem em paz. Fiquem com Deus.

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.

PATHWORK®